



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## Artigos

### Economia, sociedade e religião na Grécia Antiga: o homem grego

Por Amílcar Machado Profeta Filho<sup>2</sup>  
amilcar.filho@ifpr.edu.br

#### Resumo

Esse artigo pretende realizar uma breve análise sobre a Grécia Antiga em seu aspecto econômico, social e religioso, dando uma visão estrutural da mesma. Não houve condições de realizar aprofundamentos das temáticas abordadas. Para dar suporte teórico para este estudo foram utilizados autores como Moses Finley e Jean-Pierre Vernant, além de outros. Também foram utilizadas fontes históricas de Xenofonte e Columella. O artigo é concluído com uma abordagem sucinta sobre o homem grego.

**Palavras-chave:** Sociedade; Grécia; Antiguidade.

#### Resumo

*Tiu artikolo intencas fari mallongan analizon de la Anktiva Grekio en ĝia ekonomia, socia kaj religia aspekto, donante struktura vido de ĝi men. Ne havis iu kondiĉoj por efektiviĝi pliprofundigojn de la temo alproksimiĝita. Por doni teorion apogon por ĉi tiu studo estis uzataj aŭtoroj kiel Moses Finley, Jean-Pierre Vernant kaj aliaj. Ankaŭ historiaj fontoj de Xenofonte kaj Columella estis uzitaj. La artikolo finitas kun mallonga alproksimiĝo pri la greka antikva homo.*

**Ŝlosilvortoj:** Socieco; Grekio; Antikveco.

2 É mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, especialista em História Econômica pela Universidade Estadual de Maringá – UEM, graduado e licenciado em História pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. É servidor público federal, docente EBTT do Instituto Federal do Paraná – IFPR, lotado no campus da cidade de Assis Chateaubriand/ PR, atuando nas graduações dos cursos de Biologia, de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e nos cursos Técnicos Integrados de Informática e Eletromecânica. Atua como pesquisador, desenvolvendo o Projeto de Pesquisa Geopolítica e a nova ordem mundial: estudos dos impactos das organizações mundiais sobre o Estado brasileiro na atualidade. É coautor do livro “IF-Sophia Umuarama: Filosofia, Educação e autonomia” (2012).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

**Abstract**

*This article intends to make a brief analysis of Ancient Greece in its economic, social and religious aspect, giving a structural view of it. There were no conditions to perform deepening of the subjects addressed. To giving theoretical support for the study were used authors as Moses Finley and Jean-Pierre Vernant, among others. Although historical sources of Xenophon and Columella were used. The article concluded with a brief approach of the Greek man.*

**Keywords:** Society; Greece; Antiquity.

**Introdução**

Analisar a sociedade, a religião e a economia da Grécia Antiga é um grande desafio. Sabe-se que poucos são os documentos e vestígios que restaram para pesquisar tais temáticas. Neste sentido, seria relevante antes de analisar o homem grego fazer uma exposição, mesmo que breve, sobre a sociedade em que o mesmo estava inserido.

O homem grego se relacionava socialmente das mais variadas formas: em família, na Ágora, nas polis, no comércio, no campo, no exército etc. E algo problematizador deve-se levar em conta quando se trata da sociedade grega. Esta última era eclética. Eclética no sentido de não haver um governo central, controlador, uno, no qual todas as “províncias” deveriam se subjuar. Parece que o modelo de organização política na sociedade grega se diferenciava, por exemplo, da sociedade persa. Enquanto a primeira se constituía em cidades-estados independentes (polis gregas), a segunda era subdividida em *Satrapias*: províncias subjugadas ao imperador, ou seja, a um poder central.

E não era somente na organização política que a sociedade grega se diferenciava das outras civilizações. Em relação à religião, pode-se afirmar que os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

gregos eram politeístas, ou seja, cultuavam vários deuses. Enquanto os hebreus, antigos judeus, eram monoteístas. No entanto, no caso do politeísmo também se observa semelhanças com outras civilizações. A sociedade grega e os egípcios tinham certa semelhança por ser sociedades que cultuavam vários deuses e por receberem influências dos denominados sacerdotes. Os templos de Karnak no Egito, e do Oráculo de Delfos na Grécia antiga, são exemplos disso.

Diante deste contexto histórico, social, econômico e religioso é que o homem da Grécia Antiga se forma. Um homem que não almejava exclusivamente dominar outros povos, colonizar terras, ter escravos, ampliar o comércio, ou praticar a política. Buscava também compreender a natureza, os astros, o propósito existencial do homem, o entendimento sobre si mesmo, sobre a retórica, a moral e a ética.

### **Economia e sociedade**

Para entender a economia grega realizou-se um recorte. Foram analisados a escravidão, a agricultura e a mulher grega. E o período mais pesquisado é o Arcaico (séculos VIII ao VI) e o Século de Ouro (século V).

A escravidão na Grécia antiga é diferente da Idade Moderna. Na primeira tornava-se escravo “por dívidas, ou guerras”, na maioria das vezes, independente da classe social. Na segunda, à escravidão estava inserida no mercantilismo europeu e se concentra no trabalho compulsório do escravo indígena e do escravo africano.

Segundo Rezende Filho (2008, p. 24) nas antigas civilizações hidráulicas que antecederam as gregas o trabalho compulsório era diferente, pois este trabalho era regular e limitado, o que fazia com que os homens que



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

realizassem tal atividade ainda pudessem ser considerados livres. Entretanto, na escravidão clássica da Grécia Antiga, por exemplo, o trabalho compulsório (obrigatório), ou seja, o trabalho escravo, se transforma e acaba por separar as noções de liberdade e trabalho manual. Neste sentido,

a única via que restou ao sistema escravista, para seu desenvolvimento, foi a *horizontal*, mediante a contínua expansão territorial, e a crescente incorporação de escravos à área abrangida pelo sistema. Duas características da escravidão clássica merecem particular atenção: 1. apesar da própria existência da escravidão ser um fator que limita a constituição de um forte mercado interno, o sistema conheceu uma ampla monetarização; 2. embora a civilização greco-romana fosse basicamente organizada em torno de núcleos urbanos, suas cidades foram, originalmente, núcleos de proprietários de terras, e não centros de artesãos e comerciantes. (REZENDE FILHO, 2008, p.25)

Na passagem anterior Rezende transmite algumas informações relevantes. A escravidão clássica da Idade Antiga, incluída neste processo a Grécia, colaborou para o processo de consolidação da escravidão clássica unida a monetarização da economia, porém limitou a ampliação de um mercado interno. O autor salienta que no início da formação das cidades-estados, os núcleos urbanos concentravam uma força econômica nos proprietários de terras e não em comerciantes, ou artesãos. Isso é uma análise muito importante para se quebrar o paradigma de que nos antigos centros urbanos da antiguidade imperavam as permutas e não existia a monetarização, ou a ideia de que a economia era mais influente nos setores que envolviam atividades comerciais. E a importância das atividades agrícolas?

Rezende Filho (2008, p.25) afirma que o sistema escravista clássico, mesmo com uma economia monetária e sendo urbano, foi “sustentado por uma produção agrícola, notadamente cereais, azeite e vinho, enquanto teve um nível técnico baixo, uma demanda limitada e custos de transporte e distribuição exorbitantemente elevados.” Rezende Filho (2008, p.25-26), ainda em relação à

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

economia grega, salienta que esta civilização possuía algumas particularidades como uma península penetrada pelo mar, um relevo bem acidentado, terras férteis limitadas, além da inexistência de portos naturais adequados para embarque e desembarque para trocas comerciais, ou pessoas etc.

Avançando em suas análises, Rezende Filho (2008, p.26-33) diz que a economia grega é marcada por três fases: o período arcaico (século VIII a.C. até meados do V a.C.); o período clássico (meados do século V a.C. até finais do século IV a.C.); e o período helenístico (finais do século IV a.C. – meados do século II a.C.). Por hora, como citado anteriormente, aqui se concentra a análise dos dois primeiros períodos.

O autor afirma que a

economia grega adquire seus traços básicos – preponderância da produção de azeite e vinho, urbanização, monetarização e introdução da escravidão –, durante um período que vai do século VIII a meados do V a.C., como consequência da desestruturação de sua base econômica anterior, centrada na atividade agropastoril e na propriedade comunal da terra. (REZENDE FILHO, 2008, p.26)

E continua, agora sobre a economia do período clássico.

A grande prosperidade econômica que as cidades-Estados gregas usufruíram durante essa época, não produziu mudanças significativas na esfera da produção. A técnica continuou rudimentar, e a base da economia como um todo permaneceu sendo a produção de azeite e vinho, enquanto a difusão da escravidão fez com que mesmo os pequenos proprietários agrícolas passassem a utilizar regularmente o trabalho de escravos. (REZENDE FILHO, 2008, p.28)

Observa-se que no decorrer de quatro séculos, a escravidão da Grécia Antiga se consolida como uma forma de trabalho que envolve a produção e se torna fundamental para a prosperidade da sociedade grega.

Um outro autor relevante a ser analisado e que trabalha a questão da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sociedade e da economia da Grécia Antiga é Moses Finley. Segundo Finley (1986), a relevância da mulher no processo de organização da “economia” grega era vital para a sustentação dessa sociedade. A própria origem da palavra “economia” vem de oiko (casa) e nomia (administração). Se o homem grego possui o “ócio”, tempo necessário para pensar e tratar dos assuntos pertinentes à administração da polis grega, é devido ao fato de ter um suporte importante proporcionado pela mulher na administração da casa, onde a mesma cuidava da educação dos filhos, dos recursos financeiros domésticos, da fiscalização dos trabalhos do campo, entre outros afazeres.

Para Finley (1986) quando se pensa sobre o conceito de economia na antiguidade, precisa ser levado em consideração alguns pontos importantes: 1. a periodização; 2. os modelos de análise: marxista, por exemplo; 3. o conceito de economia expresso nas fontes primárias. Em relação a este último item, por exemplo, tem-se Xenofonte, um antigo pensador que viveu naquele período e que em seus estudos *Oeconomicus* dizia que OIKONOMIA significa OIKOS = *Casa*, e NOMIA = *Lei*. Parece que a *Casa* poderia ser considerada uma unidade de produção.

Retomando Finley (1986), salienta que para os gregos a mulher tinha uma função primordial na sociedade que era a de administrar a casa, enquanto os homens, ficando livres dos afazeres “domésticos”, teriam condições e tempo para exercerem a cidadania. Ao analisar esta situação conclui-se que a economia da antiguidade não seria canalizada única e exclusivamente para a busca do lucro, mas era de subsistência com base na agricultura.

Ao estudar o período da antiguidade clássica seria importante tomar alguns cuidados ao tentar compreender a sociedade daquele momento histórico.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Primeiramente, salienta-se que somente um modelo explicativo de análise como o marxista não daria conta, segundo Finley (1986), de explicar toda a complexidade que envolve aquele período. Fora esta questão, em segundo lugar, observa-se que as fontes primárias são fundamentais para entender qual era a ideia que os indivíduos daquela mesma época tinham a respeito da economia, da sociedade, ou da religião.

Em relação às fontes primárias seria prudente citar Columella, um indivíduo que viveu na antiguidade. Em seu fragmento de livro *De Re Rustica*, observa-se a preocupação em relação à administração das terras que o proprietário deve ter. Em uma passagem quando trata dos arrendatários: “E eu mesmo trago na memória ter ouvido P. Volúcio, homem riquíssimo e velho cônsul, assegurando que a propriedade mais feliz era aquela que possuía arrendatários do próprio local...” Mais adiante, Columella afirma as vantagens que tem um proprietário ao arrendar suas terras. O arrendamento seria melhor do que deixar as terras nas mãos dos escravos.

As passagens das fontes primárias manifestam os pensamentos e as preocupações dos homens que viveram naquela época. É lógico que esta visão poderia ser considerada restrita, pois não inclui a visão de um escravo. Entretanto, mesmo assim, serve para auxiliar, para entender um pouco mais a sociedade antiga e o próprio homem daquele período histórico. Diante disso, conclui-se que a sociedade grega antiga era patriarcal, hierarquizada e que ansiava por racionalidade.

### **Religião, racionalidade e o homem grego**

A religião levanta muitos debates polêmicos. Pode-se afirmar que a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mesma está relacionada com “Fé”, com “Divindade”, com cultos e crenças em um “Ser Transcendental”, ou “Força Superior que rege o Universo”. Entretanto, sua conotação se modifica quando levada em consideração o “Mito”. Neste sentido, religião para os antigos gregos não é o mesmo que para os homens atuais. Além disso, tem-se um processo de transformação do pensamento grego que começa ser configurado talvez na época de Tales de Mileto: é a transição entre *Mito* e *Racionalidade*. Tanto o primeiro, quanto o segundo, buscaram explicar os fenômenos da natureza e as inquietudes humanas.

Talvez os antigos nem utilizassem o termo *religião* como se utiliza hoje, porque a adoração transcendental era realizada em cultos domésticos e em rituais voltados aos deuses dos antigos templos. E estas manifestações entraram para história como *Mitologia*.

No livro *Mundo Greco-Romano*, organizado por Moacyr Flores, tem um capítulo intitulado *Mitologia grega e romana*, escrito por Harry Rodrigues Bellomo, onde este último defini o que é *Mito*.

[...] A palavra mito tem uma série de conceitos antropológicos, filosóficos e históricos. Gosto muito do conceito de Levi-Strauss, bastante antropológico, mas muito útil para o historiador. O conceito é o seguinte: o mito é uma “estória” irreal, fantástica, mas o conceito aborda um problema real, daí sua importância. (BELLOMO, 2005, p. 91)

Segundo Bellomo, o mito pode ser considerado uma narração “fantasiosa”, porém tem relação com o mundo real dos seres humanos. Em suas análises o autor estabelece uma comparação com arquétipos atuais: os orixás afro-brasileiros.

Ogum é o senhor da guerra (Marte), portanto corresponde a uma personalidade agressiva; Oxum é o orixá sensual, amante amorosa, arquétipo da deusa Vênus; as filhas de Iemanjá, a mãe dos orixas, são maternais, amorosas e zangadas, como a deusa Hera. (Idem)



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Observa-se na passagem anterior uma relação que o autor faz com a cultura afrodescendente brasileira.

Outro aspecto relevante observado por Bellomo é o fato da maior parte dos deuses gregos ter certa relação com a natureza. Existe um grupo que estaria ligado à criação do Universo. Este grupo pode ser considerado os “deuses primordiais”. Estes são o Caos e a Noite, Anteros e Eros. O Universo teria sido originado através do Caos. Sobre este aspecto, na Bíblia cristã em Gênesis observa-se “que no início havia o caos” (BELLOMO, 2005, p. 93). Segundo Bellomo, os “mitos cosmogônicos” (deuses primordiais) são organizadores e antigos, datam da pré-história. Em um momento posterior da história grega, os mitos foram interpretados por filósofos que tentaram estabelecer e compreender seus sentidos. E o autor levanta uma polêmica.

Esta questão de que existe uma divindade criadora ou não, se existe uma inteligência única que organiza o universo ou não, isso vai ser discutido muito depois com os filósofos. Na Grécia, discutir mitologia, não é discutir religião, é apenas discutir o sentido filosófico do mito. (BELLOMO, 2005, p. 93-94)

Sendo assim, para os gregos, debater mitologia não seria analisar religião e sim buscar compreender o “sentido filosófico do mito”. Esta é uma abordagem do autor diferente, pois muitos confundem *Mito* com *Religião*. Talvez, ao estudar estes temas (Mito e Religião) em relação à Grécia antiga, deva-se tomar cuidado porque uma questão importante é o que se considera como religião atualmente, outra questão seria qual é a dimensão de religião que os gregos tinham a 2.400 anos, ou a 2.600 anos atrás.

Bellomo também faz uma comparação com a tradição judaico-cristã. Por exemplo, os mitos da narrativa da criação do homem na Grécia antiga são

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

muito parecidos aos de Eva, Adão e a cobra, na passagem em que Eva por pecado original é expulsa do paraíso, “quando Eva acabou com o paraíso” (BELLOMO, 2005, p.94).

No mito grego, Pandora é a primeira mulher e também destruiu o paraíso com sua curiosidade. Zeus deu a ela um cofre, recomendando que não abrisse. Ela abriu o cofre e os males se soltaram e se esparramaram pela terra, onde até então não existiam males. Ficou no fundo do cofre apenas a esperança, que sobra para o ser humano. (BELLOMO, 2005, p.94)

Estabelecendo uma relação entre o período da civilização Egéia, os tempos homéricos, a Grécia Arcaica e o Século de Ouro (séc. V), pode-se afirmar que nos dois primeiros momentos da história grega os principais deuses eram as “divindades primitivas” conhecidos como “Ciclopes”, “Serpentes Enormes” etc, seriam as forças brutas da natureza denominados “Titãs”. Já nos dois últimos períodos (Arcaico e Século de Ouro) pode-se afirmar que os deuses gregos sofrem “transformações”, um certo “refinamento”, seriam os novos deuses conhecidos como “Deuses do Olimpo” (Zeus, Hera, Apolo...). Estes últimos eram mais civilizados e mais próximos dos homens.

Para Vernant (1993), no que diz respeito aos deuses, o homem grego sabia que não poderia atingir a compreensão do Universo como os deuses gregos a possuíam. Uma das regras fundamentais da sabedoria grega era que o homem não poderia pretender jamais se igualar aos deuses (VERNANT, 1993, p.16). Neste sentido, afirma-se que havia uma preocupação do homem grego em compreender o mundo transcendental, um mundo que estava além da parte física, além da matéria.

Estudos históricos comprovaram que os cultos realizados pelos gregos também se estendiam ao ambiente doméstico e não somente aos templos. Talvez



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se pudesse dizer que os gregos eram uma sociedade sacerdotal, tanto quanto os egípcios. Porém, não se entrará nesta polêmica. O fato é que até para ir à guerra, os denominados “Oráculos” eram consultados. Os “Oráculos” poderiam ser considerados “pontes” entre os deuses, entre o mundo espiritual grego e o mundo físico.

Observa-se que a mitologia era muito importante para o homem grego. Um homem eclético em seus gostos e hábitos, as vezes contraditório, pois na Grécia antiga, berço da democracia, existia escravidão. Mas um homem que ansiava pela compreensão da natureza, do mundo, do cosmos que o cercava. Talvez daí, desta busca, que ocorreu a utilização cada vez maior da racionalidade.

Marcos Sandrini, em seu livro *As Origens Gregas da Filosofia* analisa como ocorreu à transição entre *Mito* (confundido muitas vezes com religião) e *Filosofia* (no aspecto do surgimento da explicação racional). Transição complexa porque tanto o primeiro, quanto a segunda buscaram compreender os fenômenos da natureza, a origem do homem, o curso das águas, a vida após a morte, as guerras, o movimento dos astros etc, temáticas que desde os primórdios estiveram presentes nas inquietudes do homem grego. O autor observa que antes do aparecimento da filosofia

(...) a Grécia apresentava algumas características peculiares. Era uma sociedade aristocrática, agrícola e guerreira. A estrutura social é a de uma coletividade dividida em duas classes: a nobreza que vive despreocupadamente em tempo de paz e que conduz o povo em tempo de guerra, e o povo, dedicado fundamentalmente à agricultura e à criação de gado. (SANDRINI, 2011, p.23)

Entretanto, quando o autor desenvolve mais especificamente o nascimento da filosofia e sua relação com o racionalismo, faz considerações importantes.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Costuma-se dizer que a filosofia e a ciência surgem quando, além da explicação mítica, utiliza-se a explicação racional. Utilizamos a expressão “explicação racional” para traduzir o termo grego *logos*. A filosofia surge quando o *logos* começa a substituir o *mito* como única explicação da realidade em toda a sua complexidade. Esse acontecimento ocorreu, na cultura grega, por volta do século VI a.C. (Idem)

Existem muitas polêmicas e lacunas históricas que envolvem *Mito-Filosofia-Razão*. Parece que no início da formação da Grécia, do período Micênico até o século VII a.C. o pensamento racional não existia. Entretanto, não poderia se dizer que este pensamento, que envolve habilidades cognitivas humanas, não estaria vinculado ao pensamento mítico, em uma simbiose difícil de compreender, mas que se complementariam? Esta é uma polêmica longe de ser resolvida, pois a mente humana sempre esteve presente buscando compreender o mundo e o universo desde os primórdios.

Outra questão a ser abordada é sobre a relação entre Ocidente/Oriente. Existem estudos, por exemplo, sobre Pitágoras que concluem que este matemático teve um grande avanço em seu modo de pensar e elaborar soluções matemáticas depois que esteve com sábios no Egito antigo. E por que no mundo Ocidental dá-se tanta importância aos estudos sobre o surgimento do pensamento racional grego, sendo que enquanto os gregos viviam em tribos, existiam civilizações avançadas na Mesopotâmia e na África? Além disso, quando se fala de racionalidade, da ação do homem em buscar sua sobrevivência e soluções para seus problemas utilizando a razão, deveria ser realizados estudos levando em consideração as formações das grandes civilizações tanto ocidentais, quanto orientais. Será que para formar as antigas civilizações, os homens da África, do Japão, da China, do Tibet, da Índia, do Oriente Médio, não utilizaram a razão?

Diante do que foi exposto, pode-se indagar: Quem foi o homem grego da



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

antiguidade? Seria extremamente difícil responder esta indagação, justamente, como já citado anteriormente, pelo fato de existir poucos “vestígios” históricos sobre o homem grego: poemas, cerâmicas, gravuras antigas que dão indícios de como era a vida cotidiana, a cultura, o comércio, o culto aos deuses, ou a vida no campo.

Neste sentido, em relação ao homem grego, pode-se no máximo, neste artigo, fazer algumas conjecturas, ou levantar polêmicas, como foi feito. Nada de conclusões. Como avaliar o homem grego e conseguir uma definição se o passado é sempre reconstruído historicamente através de novas abordagens e de novas descobertas?

Como já citado, para os gregos, o cosmos, a origem da vida, a questão da moral, da ética, da matemática, astronomia, lógica, literatura e filosofia eram temas fundamentais em suas vidas. Um autêntico homem grego era aquele que antes de governar a cidade-Estado, tinha o domínio de si mesmo, tinha o *cuidado de si mesmo*, um domínio sobre suas emoções, suas angústias e dores, sobre a cobiça e a inveja que cega a alma. O *autogoverno*, a *auto-reflexão*, faziam parte do modo de vida do homem grego.

Segundo pesquisadores, os pilares da educação grega realizadas nos antigos liceus tinham como base: Mística, Arte, Ciência e Filosofia. E esta amplitude de conhecimentos míticos e racionais acabaram propiciando condições para o surgimento de Sócrates, de Platão, Aristóteles, Hipócrates, Pitágoras, Arquimedes, Ésquilo, Heródoto, entre muitos outros.

### **Considerações finais**

Apesar das atividades ligadas ao comércio, à mineração, ou as



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

atividades financeiras, a conclusão que se chega é a de que na Grécia antiga a base da economia estava relacionada ao campo e à administração dos bens materiais domésticos. Estes dois últimos fatores são de suma importância para se compreender todas as mudanças, ou características vindas da sociedade grega.

Em relação à *oikonomia* daquele período histórico, a boa gestão familiar era fundamental para obter a boa prática da cidadania, a partir do momento em que resta um tempo, o denominado *ócio*, para que o homem grego tenha condições de defender os interesses de seus familiares e da polis grega na antiga Ágora. Parece que a *Economia*, ciência contemporânea fundada no século XIX, deve muito aos gregos antigos.

Neste sentido, a religião também possui sua importância a partir do momento que através dos deuses o homem grego procurou as respostas de suas inquietudes: de onde veio, qual sua origem, se existe vida após a morte, quem teria criado o universo etc. E avançando em suas formas de pensamento, evoluiu até chegar à racionalidade. Seria nesse contexto complexo de se analisar como é o da antiguidade que o homem grego se constitui. Um homem que colaborou para fundar, solidificar e construir as bases econômicas, políticas e culturais do mundo ocidental.

## Referências

Fontes

Documento – XENOFONTE. *Oeconomicus*, 7-10.

Documento – COLUMELLA, *De Re Rustica*. Livro I: VII.

## Bibliografia

BELLOMO, H. R. “Mitologia grega e romana” In FLORES, Moacyr. (Org.) **Mundo Greco-Romano: arte, mitologia e sociedade** . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 91-99



$I\Phi$ -Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- FINLEY, Moses. **A Economia Antiga** . Porto: Afrontamento, 1986.
- REZENDE FILHO, Cyro de Barros. **História Econômica Geral** . São Paulo: Contexto, 2008. p. 25-33
- SANDRINI, Marcos. **As origens gregas da filosofia**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- VERNANT, Jean-Pierre. **El hombre griego** . Madrid: Alianza Editorial, 1993.